

Simplificação textual: operações em sequências transfrásicas

Ana Sousa Martins

anissimamente@sapo.pt

CLUNL/FCT

O presente artigo decorre do trabalho realizado no âmbito do projecto de pós-doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia - Ref. SFRH / BPD / 40498 / 2007.

Abstract: This paper describes two types of rewriting processes used in the production of reading materials for learners of Portuguese L2, namely (i) processes involved in reshaping propositional content and (ii) processes that change the uttering frame of a sequence. It is argued that those processes are reproducible. This assumption is based on the description of both grammatical features of Portuguese and universal properties deemed to minimize costs in comprehension. Text-type features are also considered.

Key-Words: rewriting, simplification, text, readability, acquisition, second language

Palavras-chave: retextualização, simplificação, texto, lisibilidade, aquisição, língua segunda

1. Introdução

O presente artigo tem por objectivo apresentar dois tipos de operações de simplificação – operações incidentes sobre a realização de conteúdo proposicional e operações incidentes sobre alteração do quadro enunciativo – com aplicação na produção de materiais de leitura em português língua segunda (PL2).

Defende-se que tais operações podem ser reproduzíveis, isto é, replicadas na produção de textos simplificados a partir de originais de diferentes géneros, de extensão variável e para diferentes fins (leitura intensiva ou extensiva) . Esta assunção resulta de um trabalho extenso por nós realizado de retextualização de três obras originais, três relatos de viagem contemporâneos, no decurso do projecto de investigação em aquisição de L2, *Processos de retextualização — textos modificados para leitura extensiva em português L2*¹. Este projecto tem como fim último determinar se as alterações na textualização influenciam a aquisição lexical, quer quantitativamente (número de lemas adquiridos), quer qualitativamente (recuperação activa, recuperação passiva,

¹ Ver resumo em <http://www.prof2000.pt/users/anamartins/ResumoPosDoc.html>

reconhecimento activo, reconhecimento passivo), quer tipologicamente (significação concreta *vs.* abstracta, classe e proeminência textual da palavra).

O indicador de dificuldade que norteou as retextualizações ateve-se ao cálculo do número de lemas: uma retextualização tem 700 lemas, outra tem 1000 e outra tem 1300². A regulação do tipo e número de lemas foi feita através da anotação dos lemários relativos a cada retextualização, apurados através do WordSmith Tools³, em base de dados disponível *online* (VOCLER).⁴

As retextualizações acima referidas estão concluídas e acessíveis *online*, em versão multimédia (cada página HTML integra um ficheiro áudio de leitura da porção de texto respectivo e as palavras avaliadas como desconhecidas são glosadas em *link*, através de texto, imagem e texto-imagem)⁵, e foram realizados testes prévios de compreensão de sequências e de vocabulário (com recurso a estatística descritiva) a 40 alunos dos níveis A2 e B1, com vista a obter a garantia mínima de o texto simplificado se ter mantido abaixo do limite de tolerância à leitura extensiva por parte dos aprendentes daqueles níveis⁶.

Apesar da popularidade da prática de simplificação textual, para o inglês e outras línguas, inclusivamente românicas, a investigação sobre as propriedades linguísticas do texto simplificado é recente e escassa. No que ao inglês L2 diz respeito, verifica-se que a maioria das simplificações são elaboradas com base na intuição e experiência de

² Desconhece-se, para o português, a existência de alguma investigação específica sobre o tipo e tamanho de vocabulário suficiente para ocorrerem inferências correctas sobre o sentido de palavras aquando do processo de leitura. O apuramento da margem 700-1300 lemas, contagem que exclui lemas glosados em link (com uma variação entre 100 e 230 lemas glosados), levou em conta os seguintes dados: (i) as séries de edição dos Graded Readers têm uma flutuação considerável no que toca à contagem de *headwords*, há entre quatro a oito níveis de vocabulário, sendo que os níveis mais baixos variam entre 300 e 650 itens e os níveis mais altos podem apresentar uma diferença entre 1800 e 3200 itens; (ii) para o espanhol, Gisbert (2001) apurou o valor de 1012 lemas para o nível inicial e 2083 lemas para o nível intermédio; (iii) para o português, Leiria (2001), através da análise de produções escritas de alunos com pelo menos 6 meses de aprendizagem formal na FLUL, conseguiu chegar a uma variação entre 1200 a 1500 lemas, cobrindo um grande número de temas de escrita.

³ O WordSmith Tools é um programa informático que permite a análise de corpus (é lematizador, concordanciador e extractor de palavras-chave), propriedade da Oxford University Press, e está disponível para descarregamento em <http://www.lexically.net/wordsmith/>.

⁴ Disponível em <http://users.janssenweb.com/anamartins/?page=vocab&text=1&show=full> (anotação ainda em curso).

⁵ São essas obras: *No Dorso do Dragão*, de Cláudia Ribeiro: <http://users.janssenweb.com/anamartins/nodorsododragao/> (1000 lemas); *A Mais Alta Solidão*, de João Garcia (700 lemas): <http://users.janssenweb.com/anamartins/altasolidao/> e *Planisfério Pessoal*, de Gonçalo Cadilhe (1300 lemas): <http://users.janssenweb.com/anamartins/planpes/> (o acesso é restrito, para reserva de direitos de autor das obras originais, mas pode ser obtido através do e-mail anamartins@mail.prof2000.pt).

⁶ Ver resultados em <http://www.prof2000.pt/users/anamartins/testagem-2011.pdf>

ensino dos seus autores e, quando assim não acontece, são os editores a fornecerem as linhas orientadoras de procedimentos gerais a observar.

Para o PL2 (europeu ou brasileiro) não é do nosso conhecimento que exista alguma série de versões simplificadas de obras originais, literárias ou não literárias. O estudo das características de sequências discursivas de elevada lisibilidade para uma língua em que essa prática (ainda) não se iniciou justifica-se na medida em que se trata de processos que necessariamente são activados não apenas em textos para a leitura extensiva, mas para todos os textos instrucionais e explicativos em materiais de ensino e exames de PL2. É nestas circunstâncias que é defensável a pertinência do trabalho de produção regulada do objecto a analisar – o texto simplificado –, como aliás fizeram Meister e Nation (1980, 1981); Long e Nation (1980)⁷, assim como a equipa de linguistas que trabalhou com Young (1999)⁸.

Após a análise de pares de sequências transfrásicas em confrontação – sequências do texto-fonte e sequências do texto simplificado correspondentes – justificar-se-á, ainda que brevemente, a possibilidade de replicação dos procedimentos activados.

2. Estado da arte

O texto simplificado define-se mediante dois propósitos: fazer aprender uma L2 e dar acesso ao aprendente dessa L2 à intenção comunicativa global do texto-fonte. Trata-se de um material de auxílio à aprendizagem de L2, com uma tradição já longa, ao qual podem ser apontados vários antecedentes, mas que, apesar disso, é um fenómeno que carece de um estudo abrangente e sistemático.

2.1. Vulgarização

Os textos simplificados são muito populares para o inglês L2 europeu e pertencem hoje à indústria editorial dos materiais de ensino daquela língua: editoras prestigiadas como a Oxford University Press, a Cambridge University Press, a Penguin ou a Macmillan oferecem numerosas séries de livros de leituras simplificadas para diferentes

⁷ Nation foi co-autor de três destes textos na modalidade de produção original (*pedagogic readers*), no âmbito de vários estudos experimentais, com o fim de avaliar as oportunidades de acesso ao léxico potenciado por diferentes tipos de texto simplificado.

⁸ Young reporta os resultados de um estudo experimental com vista a examinar a diferença de desempenho na leitura de quatro simplificações e na leitura dos originais correspondentes. Para a produção das versões simplificadas recrutou uma equipa de linguistas e uma equipa de professores de espanhol L2.

níveis (*Graded Readers*). A base de dados do *Edinburgh Project on Extensive Reading*⁹ contava, em 1997, com 3182 títulos de livros simplificados. A extensão e diversidade de oferta podem ser atestadas através da consulta das listas dos *Graded Readers*, organizadas por editora, na página da *Extensive Reading Foundation*¹⁰.

Se bem que em número mais reduzido, é de assinalar alguma vulgarização da prática de produção de textos simplificados para o espanhol (desde 1987, nas editoras Edelsa, Santillana e Espasa), para o francês (Hachette-Français Langue), para o russo (Biblioteka Zlatoysta) ou para o japonês (White Rabbit Press), por exemplo.

Os benefícios comumente atribuídos à leitura de textos simplificados na aprendizagem de uma língua segunda são o aumento da fluência de leitura¹¹, através da automatização no reconhecimento de palavras, o aumento significativo do vocabulário de recepção e da consolidação de vocabulário parcialmente conhecido (Nation e Wang, 1999; Waring e Takaki, 2003), a aceleração da detecção de regularidades morfológicas e aumento da qualidade do desempenho no processamento sintáctico. Hafiz e Tudor (1989) confirmam ganhos na fluidez da leitura, correcção na produção escrita e aquisição de vocabulário. Krashen (1993) atribui também à leitura de textos simplificados reflexos positivos no desempenho da escrita, designadamente, na ortografia, estilo e domínio da gramática.

A razão por que se pressupõe que os benefícios da larga exposição a *input* compreensível escrito não poderão ter lugar através da leitura do texto original prende-se com a capacidade de processamento limitada manifestada pelo aprendente, sendo que os textos originais podem gerar sobrecarga cognitiva, dada a sua complexidade lexical e sintáctica, ou ainda ser conceptualmente densos ou culturalmente distantes (McLaughlin, Rossman, McLeod, B., 1983).

2.2. Origens

A prática de criar textos simplificados tem várias origens. A mais directa é a criação, logo nos anos 30, de versões simplificadas dos clássicos da literatura inglesa para as escolas e a Universidade da Índia. Mas há também a considerar a simplificação

⁹ Disponível em <http://www.ed.ac.uk/schools-departments/english-language-teaching/courses/teacher-development/eper> (última consulta a 2/06/2012).

¹⁰ Disponível em <https://sites.google.com/site/erfglist/> (última consulta a 2/06/2012).

¹¹ A leitura fluente é um desempenho particularmente importante em situações em que o aprendente está integrado num regime de ensino em que é a L2 a língua veicular.

de textos para o público infantil, já com uma longa tradição.¹² Outra ainda, com início também nos anos 30, mas com mais notórias repercussões nas décadas de 50 e 60, é a vulgarização nos EUA da aplicação sistemática de princípios de simplificação textual (sobretudo pelo recurso a vocabulário de alta frequência, frases curtas, sem estruturas encaixadas, e voz activa) a textos institucionais, didácticos e jornalísticos.

2.3. Fórmulas de lisibilidade

Para a confirmação do grau de complexidade do texto, foram criadas fórmulas de lisibilidade¹³. As fórmulas de lisibilidade realizam uma avaliação quantitativa do texto, resultante numa pontuação, fundada, basicamente, na extensão da frase, em número de palavras, e na extensão da palavra, em número de sílabas, por frase. Procura-se assim determinar o grau de facilidade de leitura que um dado texto oferece ao público em geral.

Vários estudos – Davison e Kantor (1982), Bernhardt (1984), Coady (1993), Carver (1994) – demonstram a falibilidade destas fórmulas, revelando, por exemplo, que frases com pontuação aproximada nas fórmulas apresentam índices de complexidade estrutural muito diferenciados; ou, ainda, revelam que palavras polissilábicas são plenamente acessíveis, porque de alta frequência, e que monossílabos, deícticos ou preposições, podem ser de referência inacessível para o leitor.

2.4. Propriedades gramaticais e discursivas

Apesar da divulgação da prática da simplificação, a investigação sistemática e de larga escala, apoiada em estudos empíricos abrangentes, sobre as propriedades linguísticas do texto simplificado é escassa. De facto, Crossley et al. (2007) descrevem o seu trabalho como o primeiro estudo quantitativo abrangente sobre as características sintácticas e de estruturação textual (coesão lexical, interfrásica e subfrásica), através da aplicação informática Coh-Metrix¹⁴. Allan (2009) apresenta o estudo sobre a

¹² Tradição, aliás, que tem em português autores prestigiados: Aquilino Ribeiro, *Pegrinação de Fernão Mendes Pinto*; António Sérgio, *História Trágico Marítima*; João de Barros, *Os Lusíadas*; Amélia Pinto Pais, *Os Lusíadas*; Luísa Ducla Soares, *Seis contos de Eça de Queirós* – são alguns exemplos.

¹³ A primeira fórmula de lisibilidade foi criada por Bertha A. Lively and Sidney L. Pressey em 1929; a fórmula de maior sucesso foi o Flesch Reading Ease Score (1948); também para outras línguas começaram a ser usadas fórmulas: SMOG Grading Formula (1969); para o alemão, o Lix (1968); para o espanhol, a Fórmula de Lecturabilidad de Fernández-Huerta (1959); para o português do Brasil há o TextMeter que é uma adaptação da tabela de índices de Flesch .

¹⁴ Ver também Crossley e MacNamara (2008); Graesser et al. (2008).

distribuição e uso das orações relativas em textos noticiosos simplificados como sendo a primeira análise efectuada até à data sobre as propriedades linguísticas das simplificações de textos informativos.

À falta de uma descrição e análise dos procedimentos linguísticos mais rentáveis a empreender, as editoras das séries dos *Graded Readers* tomaram a seu cargo a tarefa de determinar as linhas orientadoras para a redacção de textos simplificados. Estas orientações serviram de base a Simensen (1987) para o levantamento de preceitos gerais de redacção de textos simplificados. O autor analisa as recomendações das editoras¹⁵ como meio de chegar às características efectivas dos textos simplificados.

A metodologia de retextualização apresentada pelas editoras aos seus autores inclui a observação de listas graduadas de palavras e listas graduadas de itens gramaticais, com particular destaque para os tempos verbais, um dos tópicos tratados com maior consistência, para além de recomendações quanto ao tamanho e estrutura da frase, especificamente no que toca à subordinação, e ainda sobre o tipo de conexões entre frases.¹⁶

Porém, o que parece dominar é uma abordagem intuitiva da retextualização (Young, 1999). Simensen também é dessa opinião¹⁷. Isso acontece porque muitos autores acham essas listas demasiado rígidas, uma vez que o próprio universo de discurso do texto-fonte exige a inclusão de vocabulário específico externo a essas listas.

É fácil prever que os estudos sobre textos elaborados com base na intuição e experiência individual não-de produzir sempre resultados não totalmente generalizáveis.

Das recomendações avançadas pelos editores sobressai a condenação da condensação abusiva de informação. Simensen (1987) destaca a editora Longman, que instiga à implementação de práticas que evitem a simples sinopse da acção do texto-fonte, a qual tenta a todo o custo condensar o máximo de informação de um texto longo num espaço de texto bastante mais curto. Aliás, o factor principal de avaliação negativa dos textos simplificados é exactamente a incapacidade de o autor da versão simplificada recriar fielmente a acção do texto-fonte e ao mesmo tempo criar um novo texto, de

¹⁵ As editoras visadas são a Collins, Grafisk Forlag, Heinemann, Longman, Macmillan e Oxford.

¹⁶ Ver, a título de exemplo, http://www.pearson.ch/download/PR_Teacher_Support_Guide_Ch.pdf (consultado a 2/06/ 2012)

¹⁷ “Probably most adapted readers are adapted on the bass of intuition or assumptions about the two questions above [1. What is considered difficult for learners at a specific level?; 2. What is considered easier?]”(p. 43)

pleno direito, com a sua própria estrutura, ritmo e configuração: “One incident follows another in *staccato* style and nothing stands out. Vitality is lost. The characters are defleshed and even de-boned. Scenery is rubbed out. The concerns and interests of the original author are forgotten.” (Hill, 1997: 60).

A partir daqui é fácil lançar os desígnios da configuração discursiva do texto simplificado, que não se hão-de afastar dos padrões de textualidade que presidem à produção de um qualquer texto: um texto com um desenvolvimento tópico *natural*, com gestão pertinente da dimensionalização discursiva (primeiro plano / plano de fundo textual), com um grau de redundância funcional, com uma estruturação marcada por marcadores de coerência causal, temporal e referencial.

2.5. Pressupostos gerais

Do que fica dito, é possível apurar os pressupostos fundamentais relativos à simplificação textual para leitura extensiva em L2: a retextualização não concorre nunca com o texto-fonte, não é uma recodificação do texto-fonte; a retextualização visa a consolidação e aquisição de novos itens; a retextualização fundamenta a sua razão de ser na assunção de que a aquisição de uma língua deve ser incremental e respeitar estádios de aquisição.

3. Descrição das operações efectuadas

Uma das questões de investigação que presidiram ao estudo que levamos a cabo é saber quais são, de entre a multiplicidade de opções de simplificação de um mesmo segmento de texto-fonte, as operações que, por um lado, não transpõem o limiar de dificuldade calculado para o nível intermédio de aprendizagem de português L2 e que, por outro, colocam o aprendente em contacto com um material que potencia a aquisição de novos itens. Deste modo, uma parte do trabalho realizado ateve-se à descrição das operações de retextualização e, cumulativamente, ao apuramento dos indicadores que suportam a previsão do grau de conforto de leitura de um qualquer texto destinado a aprendentes do nível intermédio.

No processo de produção das versões simplificadas das obras indicadas, cada sequência é laboriosamente construída para activar um agregado de interfaces. Presidem a esse processo as operações que a seguir globalmente se descrevem.

(i) *Supressão*: o texto modificado é, por definição, um texto com supressões, sem ser um texto lacunar: à omissão de blocos textuais do texto original preside uma reorganização textual com padrões de coesão reforçados. A supressão é exigida pela necessidade de controlo da informação, controlo de idiomatismos, de redução de domínios lexicais e de estruturas oracionais.

(ii) *Substituição*. As estruturas substituintes observam os critérios da frequência de itens lexicais e da ordem dos constituintes na frase, minimizam as construções de encaixe, e reforçam as dependências referenciais intra e interfrásicas.

(iii) *Repetição*. O texto modificado explora a propriedade da redundância natural do discurso. Nesta medida, o texto modificado é, em primeiro lugar, o resultado de procedimentos de reincidência lexical, sintáctica, morfológica e semântica. Consideram-se, pois, diferentes níveis de repetição.

1- Repetição lexical: prevê-se que a frequência de ocorrências de palavras-chave no texto tenha um impacto significativo na retenção do significado da palavra, auxiliando a conexão forma-sentido e melhorando o desempenho de reconhecimento automático das palavras.

2- repetição de padrões sintácticos: no texto modificado dominam estruturas frásicas padrão e construções transfrásicas recorrentes (ordem directa dos constituintes, frase activa, anáfora zero na codificação de referentes imediatamente acessíveis, concordância SU/V).

3- repetição de índices morfológicos: a incidência de palavras cognatas no texto é estrategicamente distribuída de modo a não gerar sequências atípicas.

4- repetição semântica: a progressão informativa opera-se, relativamente ao texto original, em função de uma maior similaridade semântica entre sequências. Estão em foco a reincidência de processos lexicais de co-referência e também de frases partilham os mesmos argumentos.

(iv) *Reconstrução textual*. Todas as operações sumariamente descritas acima actuam por efeito de dominó e exigem uma recodificação proposicional e uma nova conectividade lógica.

Neste artigo, detemo-nos nas soluções de realização de conteúdo proposicional, *operadas sobre* ou *resultantes em* mais de uma frase (3.1.), e nas operações incidentes sobre alteração do quadro enunciativo (3.2.). No entanto, em todos os as sequências

dadas para análise, as macro-operações acima globalmente descritas encontram-se presentes, designadamente, no que toca à exploração de redundância textual, através da repetição semântica e de padrões sintácticos.

Por fim, justificar-se-á a assunção de que estes dois tipos de processos podem ser replicáveis.

3.1. Operações incidentes sobre a realização de conteúdo proposicional

Apesar da segmentação proposta, segundo a qual daremos conta primordialmente de operações sintácticas realizadas aquando da construção das versões simplificadas, os exemplos de retextualização seleccionados para este artigo, porque retirados de um todo textual, autónomo e válido comunicativamente por si mesmo, acusam factores discursivos e pragmáticos, a saber, a explicitação da conectividade interfrásica/interaccional, a atribuição de foco e distribuição de tópicos e o atendimento à carga inferencial colocada no leitor, pela realização discursiva de implicaturas. Incluem também manipulações motivadas por substituição lexical.

Considerámos, ainda que apenas parcialmente, então, o trabalho de Costa (2005) sobre a descrição dos indicadores de complexidade estrutural relevantes para o processamento de frases simples e complexas. É certo que as experiências aí reportadas são feitas com falantes nativos, em que a alta frequência de padrões de distribuição funciona como condição favorável ao processamento. Mas, se assim é, então, é lícito prever que a manipulação da forma dos dados de *input* escrito em conformidade com a alta frequência desses padrões vá ao encontro da habilidade de os aprendentes de L2 atingirem generalizações, de modo a que mais tarde funcionem como condições favoráveis de processamento.

Sumariamente, as soluções de reformatação proposicional recorrentes no trabalho de retextualização efectuado foram: a ordem SVO; os SNs animados; a constância de tópico, pela retoma repetida da entidade mais proeminente na primeira frase de uma sequência ou micro-sequência; a realização lexical de categorias vazias, quando ela é opcional; as construções com traços de transitividade (papel de agente para o SN SU, telicidade do verbo e grau de afectação do objecto); a minimização de estruturas encaixadas; e a preferência por construções de coordenação em detrimento das de subordinação.

Considerem-se os exemplos que a seguir se apresentam.

(1) «(...) e perguntou se me podia contar uma história indiana. Era acerca de uma rapariga nova e bonita a quem o pai só daria em casamento ao homem que conseguisse matar uma serpente venenosa e colocá-la à volta do pescoço da filha.» (Ribeiro, 2001: 62)

(1 a) «A seguir, perguntou se me podia contar uma história indiana. Era uma história sobre uma rapariga nova e bonita. O seu pai dava-a em casamento, mas, antes, o futuro noivo tinha de matar uma cobra venenosa e colocá-la à volta do pescoço da rapariga.» (retextualização)

Em (1), os indicadores de complexidade estrutural estão nas duas relativas da segunda frase, com a particularidade de a repetição da preposição “a”, na regência do verbo “dar” (“a quem” e “ao homem”), acarretar custos na compreensão, uma vez que vai exigir o reprocessamento da frase para exclusão de um dos constituintes com características de OI.

Na retextualização (1 a) elimina-se a primeira relativa pela adição de nova frase com estrutura de coordenação, em que a expressão da condição é dada pela conjunção e adverbial: “mas, antes”. A realização lexical em “uma história”, como co-referente do SN OD da frase antecedente é o procedimento mais recorrente, que assegura os mais baixos custos de processamento. Já o SN SU “o futuro noivo” exige a activação do conhecimento situacional/*script*: (i) *casamento* é um acto público que tem como actores um noivo e uma noiva; (ii) o modificador “futuro” é factor de coerência, visto que “dar em casamento” é interpretado como uma acção cuja realização depende de uma condição, a efectivar-se num intervalo de tempo posterior ao acto compromissivo *dizer que dá em casamento*.

(2) «Toda a nossa visita a Chengdu foi sendo entremeada por exasperantes esperas no aeroporto da cidade.» (Ribeiro, 2001: 290)

(2 a) «Ao longo da nossa visita a Chengdu, fizemos várias tentativas para sair da cidade. Uma e outra vez, esperámos durante horas e horas no aeroporto. Era um desespero.» (retextualização)

A retextualização em (2 a) suprime a construção passiva com constituintes realizados por SNs cujos núcleos são nomes deverbais, em (2). A estrutura substituinte é

uma construção com traços de transitividade, porque, apesar de se recorrer a verbo leve “fazer tentativas”, ele mantém a grelha argumental de verbo pleno. Depois, a função de agente torna-se acessível pela acumulação de pistas gramaticais, em “nossa” – “fizemos” – “esperámos”. Opta-se pelo padrão mais frequente, que é aquele em que a frase, em arranque de parágrafo, como é o caso, se inicia por uma expressão com informação temporal e que se conclui com informação espacial. A expressão da duratividade fica a cargo do redobro – “horas e horas”/ “uma e outra vez” e da quantificação *várias*, que lhe agrega também o valor de iteração. Perde-se, no entanto, o valor de visão prospectiva de “foram sendo entremeadas”.

(3) «Antes de lá me ter deslocado, o meu acesso à China reduzia-se igualmente a alheios relatos e livros.» (Ribeiro, 2001, p.12)

(3 a) «Antes de ter ido viver para a China, eu também só conhecia este país através da leitura de relatos de pessoas que tinham ido até lá.» (retextualização)

Em (3 a) o recurso à forma nominativa do pronome na posição de SU, sujeito animado, é a opção alternativa a (3), em que o SN “o meu acesso” tem por núcleo um nome deverbal. Porém, a principal motivação para a alteração residiu na necessidade de substituição dos lemas de baixa frequência, a saber, “acesso”, “reduzir-se (a)”, “alheio”. Assim, a recodificação proposicional assenta nas realizações oracionais “eu só conhecia” e “que tinham ido até lá” que são as estruturas substituintes de “acesso” e “alheio”, respectivamente; o advérbio “só” preserva o valor restritivo expresso no original pelo verbo “reduzir-se”.

Vale a pena ainda notar que a solução em (3 a) põe informação semântica e informação sintáctica em convergência, em “para a China” (o que não acontece no original, por acção da catáfora em “lá”), e reforça a cadeia de referência com mais um co-referente, em “este país”¹⁸.

¹⁸ “Antes de lá me ter deslocado” (original) e “Antes de ter ido viver para a China” (retextualização) veicularem informações diferentes, uma vez que a primeira sugere uma visita pontual à China e a segunda expressa uma estada prolongada. Esta é uma não correspondência semântica que só seria injustificada se considerássemos apenas o nível local das transformações textuais e correspondente sequência no texto-fonte. No entanto, considerando a informação dada na introdução do texto original, ficamos a saber que se trata, efectivamente, de uma estada prolongada: «Este é um livro sobre a China, mas sobre a China que eu vi e vivi na segunda metade dos anos oitenta, princípio dos anos noventa.» (Ribeiro, p. 11).

(4) «Encontrei os chineses sentimentais, de lágrima pronta. Um filme melodramático comove-os, a recordação da velha mãezinha fá-los fungar e choramingam com a partida para outra cidade de um parente ou simples colega.» (Ribeiro, 2001: 24)

(4 a) «Os chineses choram por tudo e por nada, por coisas sem importância: choram a ver um filme, choram quando se lembram da mãezinha, choram quando um familiar viaja para outra cidade. Enfim, são uns sentimentais.» (retextualização)

Em (4), na primeira frase, a complexidade estrutural reside na presença de dois domínios de predicação, em que o predicador primário – o verbo “encontrar” – é usado como verbo epistémico. Na segunda frase, as três orações coordenadas exprimem causalidade, mas há variação acentuada de estrutura e, na terceira oração, a entidade que na primeira oração estava expressa pela forma acusativa do pronome está na forma nula com função de sujeito. Na sequência transformada, (4 a), recorre-se a sujeito animado em posição pré-verbal, que se mantém nas três orações.

Por último, o exemplo (5 a) ilustra a opção por realização de SU nulo, relativamente ao texto original, observadas as condições gramaticais e discursivas que a legitimam, a saber, em sequências de frases simples e na expressão de co-referência de sujeitos frásicos. Estas frases simples são as estruturas substituintes da oração coordenada com conjunção correlativa, no original. Como consequência, o valor de cumulação de acções, passou a receber especial enfoque, através da incisa «Mas não era tudo».

(5) «Na altura, nem sabia bem com quem me estava a meter. O Wielicki não só tinha o objectivo de fazer os catorze «oito mil», como queria fazê-los das formas mais difíceis – por vias novas, ou de Inverno. (Garcia, 202, p. 39-49)

(5 a) «Naquela altura, eu nem sabia bem quem ele era. O Wielicki já nesse tempo tinha o objectivo de subir a todas as montanhas com mais de oito mil metros. Mas não era tudo: ele queria subir a todas as oito mil por vias novas ou... de Inverno!» (retextualização)

Antes de avançarmos para o ponto seguinte, vale a pena sistematizar as principais operações visadas em cada exemplo:

(1 a) - redução de orações dependentes: explicitação de conteúdo inferencial (condição de realização de acção); repetição lexical em relação de co-referência.

(2 a) - opção por frase activa, com traços de transitividade; ordem canónica dos constituintes.

(3 a) - soluções sintácticas directamente motivadas por necessidade de supressão de lemas da sequência original: SN animado em posição de SU; reforço da cadeia de referência; expansão por relativa.

(4 a) - reformulação resultante em acto composicional discursivo *generalização – exemplificação/particularização*; regularidade estrutural das orações que exprimem a sequência de exemplos.

(5 a) - realizações lexicais dos SNs SUs; deste modo, a pista de atribuição de SU é directamente fornecida e posta em posição pré-verbal.

3.2. Operações incidentes sobre alteração do quadro enunciativo

O segundo tipo de operações em foco é de ordem enunciativa. Consiste basicamente em transpor o plano enunciativo inactual, em que o ponto de perspectiva temporal coincide com um evento passado, para o plano actual, em que o ponto de perspectiva é o momento da enunciação, através da activação da deixis indicial fictiva. Entende-se por deixis indicial fictiva o recurso à deixis primária em contextos de enunciação inactual. Cria-se assim num tipo de referenciação mostrativa para configurar objectos e eventos situados fora da situação em que está a instância enunciativa. Formalmente, o fenómeno corresponde à atribuição das funções referenciais inerentes ao dispositivo deíctico do plano inactual ao dispositivo deíctico do plano actual. Trata-se, pois, da activação das marcas enunciativas do modo de enunciação *discurso* (Benveniste, 1962) na referenciação invocativa. São essas marcas as 1.^a e 2.^a pessoas gramaticais, os tempos verbais da série do presente, os deícticos temporais e espaciais primários (*aqui, aí, agora, neste momento*, por exemplo), a ilocução constativa, as predicções perceptivas e expressões referenciais não saturadas. Estas são estratégias enunciativo-discursivas inerentes ao relato de acções e, particularmente, exploradas no relato de viagem (Martins, 2010).

Nos exemplos 6 e 7, esta operação permite a supressão de formas de imperfeito de conjuntivo e de futuro do pretérito, assim como de estruturas de subordinação. Os custos de processamento sobre a localização temporal relativa dos eventos baixam.

(6) «Estava previsto que neste período chegassem a estar 16 expedições no Campo Base. Daí a alguns dias, este espaço ganharia a aparência de uma grande aldeia, com tendas e gente por todo o lado.» (Garcia, 2002: 126)

(6 a) Dentro de dias devem chegar mais 16 expedições! Este acampamento vai parecer-se a uma grande aldeia, com tendas e gente por todo o lado. (retextualização)

(7) «Estávamos rodeados de ameias, a mil metros de altitude. Recordo a minha desilusão com o aspecto de novinha em folha que a Muralha ali ostentava. E com a quantidade de turistas que a pisavam, só comparável à que se encontrava na Cidade Proibida. Badaling e Mutianyu são dois troços reconstruídos da Muralha, para lá dos quais não é permitido aos turistas deslocarem-se. Daí aqueles tijolos ligados a argamassa limpa, certinhos na sua uniforme cinzentude. Mas, se esquecêssemos o pormenor e nos detivéssemos na imensidão, o fascínio era inevitável.» (Ribeiro, 2001: 203)

(7 a) Estamos agora a mil metros de altitude. Não esperava encontrar aqui tantos turistas, quase tantos como na Cidade Proibida. Mas o melhor é esquecer isso agora e ficar só a olhar longamente a paisagem. É verdadeiramente fascinante! (retextualização)

O exemplo (8) mostra apenas que o recurso à deixis indicial fictiva é já uma propriedade discursiva do relato, conforme atesta o segmento do texto-fonte em “este mar que me preparo para atravessar”. De notar ainda que em (6 a) a instanciação enunciativa cumulativa ao momento do desenrolar do evento trabalha em favor da contracção textual, propulsionando o avanço da acção no texto da versão simplificada.

(8) «De Cortez, ficou apenas este mar que me preparo para atravessar. (...) A travessia demora 17 horas, e há que dormir a bordo.» (Cadilhe, 2005: 42)

(8 a) *Atravesso agora o Mar de Cortez.* (retextualização)

3.3. Processos replicáveis

Defende-se que os processos acima descritos em 3.1. e 3.2. podem ser reactivados, quer em retextualizações quer na produção de textos originais dirigidos a aprendentes de português L2, por duas ordens de razões: (i) esses processos atendem a estratégias de processamento universais, como a transitividade (Hopper e Thompson, 1980), e observam as regularidades estruturais específicas do português, como a ordem dos constituintes ou a realização/não realização de sujeito nulo; (ii) a deixis indicial fictiva é já uma propriedade do discurso narrativo, pois é um dispositivo da gestão da dimensionalização textual, ou seja, da distribuição das acções referenciadas para primeiro plano ou plano de fundo.

4. Conclusão

A descrição e exemplificação de algumas operações de simplificação em sequências transfrásicas que nos propusemos fazer neste artigo exigiu uma breve apresentação do estudo mais geral de que essa descrição faz parte. Considerando as propriedades relevantes do português para o processamento de frases, atendendo aos padrões de frequência e canonicidade na língua, demos como plausível fazer predições sobre as condições potenciadoras de elevada lisibilidade.

Após este enquadramento, seguiu-se o resumo do estado da questão no que toca à origem, produção e análise dos textos simplificados para o inglês L2.

Na descrição das operações efectuadas, optámos por não obliterar a menção a factores semânticos, discursivos e pragmáticos, ainda que o foco nas operações sintácticas e enunciativas se tivesse mantido. Não evitámos também, ainda que muito brevemente, fazer a avaliação dos custos de processamento das sequências retextualizadas, assim como a anotação de perdas de informação em relação à sequência-fonte.

A análise das modificações operadas na reconstrução textual mostra que nem as soluções de reformulação sintáctica nem as soluções de ordem enunciativa podem aspirar a manter a identidade e integralidade do conteúdo comunicativo veiculado no original. Não é esse o propósito, aliás, do texto simplificado. Talvez, por isso, os termos *simplificado* e *simplificação*, apesar de recorrentemente usados para a identificação destes textos, induzam em erro, pois podem fazer pressupor que é o texto original que é, de alguma maneira, abusivamente complicado, como se fosse possível, em qualquer circunstância, ser veiculado o mesmo conteúdo do texto original numa formulação mais simples.

Independentemente da ontologia que se venha a fixar para este tipo de produção, a partir do momento em que os princípios de boa formação frásica e os padrões de textualidade são cumpridos, o texto simplificado cumpre a sua feição de unidade comunicativa plena. A particularidade do texto simplificado é que o fim comunicacional concorre com o propósito de fazer aprender a língua através do *input* escrito compreensível. A pertinência do estudo – e produção *técnica* – de um texto deste tipo está em delimitar as estratégias, reguladas por princípios sintácticos, discursivos e pragmáticos de produção textual, que resultem em baixos custos de processamento para

um aprendente de L2 e a, partir daí, apurar as condições para a sua replicação, evitando a mera produção intuitiva.

Referências

- Allen, D. (2009) A study of the role of relative clauses in the simplification of news texts for learners of English. *System* 37, pp. 585-599.
- Benveniste, E. (1966) *Problèmes de Linguistique Générale I*. Paris: Gallimard.
- Bernhardt, E. B. (1984) Towards an Information Processing Perspective in Foreign Language Reading. *The Modern Language Journal* 68 (4), pp. 322-331.
- Cadilhe, G. (2005) *Planisfério Pessoa*. Lisboa: Oficina do Livro.
- Carver, R. P. (1994) Percentage of unknown vocabulary words in a text as a function of the relative difficulty of the text: implications for instruction. *Journal of Reading Behaviour* 26, pp. 413-437.
- Coady, J. (1993) Research on ESL/EFL vocabulary acquisition: putting in context. In T. Huckin; M. Haynes; J. Coady (Eds.) *Second Language reading and vocabulary learning*, Norwood NJ: Ablex Publishing Corporation, pp. 3-23.
- Costa, M. A. 2005 *Processamento de frases em português europeu. Aspectos cognitivos e linguísticos implicados na compreensão da língua escrita*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Crossley, S.; Louwse, M. M.; McCarthy, P. M.; McNamara, D. S. (2007) A Linguistic analysis of simplified and authentic texts. *The Modern Language Journal* 91 (1), pp. 15-30(16).
- Crossley, S.A.; McNamara, D.S. (2008) Assessing L2 reading texts at the intermediate level: An approximate replication of Crossley, Louwse, McCarthy & McNamara (2007). *Language Teaching* 41 (3), pp. 409-429.
- Davison, A.; Kantor, R. N. (1982) On the failure of readability formulas to define readable texts: a case study from adaptations. *Reading Research Quarterly* 17 (2), pp. 187-209.
- Garcia, João (2002) *A Mais Alta Solidão. O primeiro português do cume do Evereste*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Gisbert, J. M. B. (2001) Definición de glosarios léxicos del español: niveles inicial e intermedio. *Enseñanza* 19, pp. 35-72.

- Hafiz, F.M. y Tudor, I. (1989) Extensive Reading as a Means of input to L2 Learning. *Journal of Research in Reading* (12), pp. 164-178.
- Hill, D. R. (1997) Survey review: Graded readers. *ELT Journal* 51 (1), pp. 57-81.
- Hopper, P. J. , Thompson, S. A. (1980) Transitivity in grammar and discourse. *Language* 56 (2), pp. 251-299.
- Krashen, S. (1993) *The power of reading. Insights from the research*, Englewood, CO: Libraries Unlimited.
- Leiria, I. (2001) *Léxico: aquisição e ensino do português europeu língua não materna*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Long, M.; Nation, P. (1980) *Read thru*. Singapore: Longman.
- Martins, A. (2010) *A Textualização da Viagem. Relato vs. Narração. Uma abordagem enunciativa*. Porto: U. Porto Editorial.
- McLaughlin, B., Rossman, T., & McLeod, B. (1983) Second language learning and information processing perspective. *Language Learning* 33, pp. 135-158.
- Meister, G. F.; Nation, P. (1980) *Fire on the mountain*. London: Macmillan.
- Meister, G. F.; Nation, P. (1981) *Indonesian love story*. Singapore: Longman.
- Nation, P., & Wang, M. (1999) Graded readers and vocabulary. *Reading in a Foreign Language* 12, pp. 355-380.
- Ribeiro, C. (2001) *No Dorso do Dragão. Aventuras e Desventuras de uma Portuguesa na China*. Lisboa: Europa - América.
- Simensen, A. M. (1987) Adapted Readers: How are they adapted?. *Reading in a Foreign Language* 4 (1), pp. 41-57.
- Waring, R., & Takaki, M. (2003) At what rate do learners learn and retain new vocabulary from reading a graded reader?. *Reading in a Foreign Language* 15, pp. 130-163.
- Young, D. J. (1999) Linguistic simplification of second language reading material: effective instructional practice?. *The Modern Language Journal*, 83 (3), pp. 350-366.